



S PORTAS DA TRANSFORMAÇÃO

(Colecção Imaginação e Pensamento, II)

A S P O R T A S
D A T R A N S F O R M A Ç Ã O

Setembro 2019



SUMÁRIO:

Nota e contexto	1
A abóboda - Alexandre Herculano	4
Pedro O Cru - António Patrício	6
O amigo da Morte - P. A. Alarcón	8
Frankenstein - Mary Shelley	10
A transformação - F. Kafka	12
O diabo no campanário - E. A. Poe	15
Conto de Inverno - Júlio Brandão	18
Quem sabe? - Guy de Maupassant	21

Nota prévia

Nesta compilação reúnem-se fragmentos de obras que não se reproduzem na íntegra, mas tão só num excerto que vale por si mesmo e que, em simultâneo, cumpre uma função evocativa da obra a que pertence, convidando o Leitor a descobrir (ou revisitar) o conto ou o livro que o contém.

Partimos de edições críticas de obras já caídas no domínio público, pertencendo os excertos que reproduzimos, integralmente, a edições publicadas há mais de vinte e cinco anos, por se encontrarem também já livres de direitos. Por esta razão optámos por não seguir o Acordo Ortográfico de 1990.

A natureza colaborativa e os recursos disponíveis para a realização deste trabalho levaram à utilização de máquinas de escrever para a reprodução dos textos. A esta primeira razão cedo se juntaram outras motivações que acabaram por solidificar esta opção e se prendem com a materialidade do processo. Com efeito, sentimos que não poderiam ser só as capas e as ilustrações a ter um carácter artesanal e a "aura de objecto único". Também o texto teria de ser "vivenciado" e "sentido" de forma mais corpórea do que a simples edição digital permitiria. O recurso a máquinas não electrónicas permite esse contacto físico com a obra que outrora um autor escreveu, mas que agora pela nossa mão se exprime. Ficam assim justificadas algumas imperfeições próprias de pessoas sem formação, experiência ou memória da dactilografia.

Contexto e entrelaços

Contexto (do Latim contextu- "tecido"
part. pass. de contexere, "tecer,
entrelaçar")

Esta é a segunda antologia editada pela EVA Cartonera no âmbito da colecção "Imaginação e Pensamento", que reúne fragmentos de oito obras que expressam o íntimo relacionamento entre a imaginação e a escrita, em narrativas do género fantástico que abrangem não apenas autores clássicos do Romantismo como Alexandre Herculano, Edgar Allan Poe, Mary Shelley e Oscar Wilde, mas também outras obras da denominada "Literatura da Imagem" em que se criam mundos de fantasia com tonalidades góticas, sobrenaturais, de horror, maravilhosas ou grotescas.

Os oito textos cujos fragmentos aqui se apresentam entrelaçam-se num conjunto de ideias e imagens que ganham vida própria e convidam à recombinação, ressurgindo na imaginação do Leitor em mundos fantásticos. Estes mundos são recriados à luz da noite, dos jardins e dos bosques, como no insólito conto "Quem sabe?" de Guy de Maupassant; no "Conto de Inverno" de Júlio Brandão; em "Frankenstein" de Mary Shelley; ou nas deambulações desesperadas de Pedro, o Cru.

Por todos os excertos perpassam também a morte, o declínio, a ruína e a transformação, seja na "Metamorfose" de Kafka, no Rei-Saudade de António Patrício, em "A abóboda" de Herculano ou nas perturbações trazidas à pacata Vondervotteimittis pelo "Diabo no campanário" de Allan Poe.

Ainda uma palavra para os objectos e locais mágicos que povoam estas narrativas e que são, também eles, parte da argamassa com que se constrói este livrinho: a ganha da Morte, a espada do Rei, os relógios e as couves, o quarto dos avarentos, a casa em que não se entra ou o campanário tomado pelo demo. São instrumentos simbólicos de uma alteração profunda na natureza ou na ordem das coisas, inevitável na recriação de mundos fantásticos ou numa nova aproximação ao mundo de todos os dias.

Imersos na noite e munidos desses locais e instrumentos de metamorfose, nesta humilde antologia convidamos também a imaginar, a fazer entrar na alma os "fantasmas da sensação", a deixar abertas as portas da transformação.

A abóboda

Alexandre Herculano

Há situações tão violentas que, se durassem, a morte se lhes seguiria em breve, mas a providente Natureza parece restaurar com dobrada energia o vigor físico e espiritual do homem depois destes abalos espantosos.

Então, melhor do que nunca, ele sente em si que, posto que despenhado, não perdeu a sublimidade da sua origem divina.

As portas haviam esteirado nos grossíssimos gonzos e muito cimento solto e pedras quebradas tinham rolado pelo portal fora entulhando-lhes quase um terço de altura. Olhando para o interior daquela imensa quadra, não se viam senão enormes fragmentos de cantos lavrados, de laçarias, de cornijas, de voltas e de relevo.

A lua, que passava tranquila nos céus, reflectia o seu clarão pálido sobre este montão de ruínas, semelhantes aos monumentos irregulares de um cemitério cristão; e por cima daquele temeroso silêncio, passava o frio leste da noite e vinha bater nas faces turbadas dos que, apinhados na sacristia, contemplavam este lastimoso espectáculo.



Pedro O Cru
Antônio Patrício

Fui cúmplice das coisas contra mim. Toda a terra viveu a endoidecer-me. As árvores, na sombra, cochichavam: vinham fechar-me em ondas de conjura: cresciam contra mim, que as amei sempre... Num silêncio escarninho, caminhavam... Uma noite, ao recolher - pobre de mim! - quis enterrar num cedro a minha espada. A lâmina partiu com um tinir frio. E às vezes, nas palmas destas mãos, quase sentia a polpa dos teus seios!... Era um lobo o teu Pedro: era uma hiena.

Mas um dia, "Alguém" desceu ao fojo: - "Alguém" que era da morte e era da vida... e mais - de além da morte e além da vida. E eu vi a Saudade ao pé de mim. Nunca mais me deixou: vivo com ela. Fez-se em mim carne e sangue. Fez-se Inês. Por isso sabes toda a minha vida. Por isso eu sei a morte como tu.

Sou o homem que viveu a vida e a morte: sou o homem-Saudade, o rei-Saudade...



O amigo da Morte
Pedro Antônio de Alarcón

- A que vieste?

A Morte soltou uma gargalhada que teremos de designar por filoséfica.

O eco dessa gargalhada prolongou-se por muito tempo, repercutindo-se na cerca do jardim e lembrando com o seu som estridente o ruído dos ossos de um morto chocando uns contra os outros.

- Queres matar-me! - exclamou, por fim, o ser vestido de luto - Com que então, a Vida atreve-se a enfrentar a Morte? Coisa estranha... Lutemos!...

Dito isto, atirou para trás das costas a longa capa preta, mostrou um braço armado com outro tipo de alfaia (que parecia mais uma foice ou uma gadanha) e pôs-se em guarda, diante de Gil Gil.

A lua adquiriu o tom amarelado da cera que ilumina as igrejas na Sexta-feira Santa; levantou-se um vento tão frio que fez gemer as árvores carregadas de frutos; ouviu-se o ladrar longínquo de cães, ou melhor, longos uivos de mau agouro e até pareceu que, lá nas alturas, entre as nuvens, se ouvia o eco desafinado de inúmeros sinos tocando a finados.



Frankenstein
Mary Shelley

Quando a noite chegou, deixei o meu refúgio para errar pelo bosque e então, já não sendo contido pelo medo, dei livre curso à cólera. Uivava como um animal selvagem que tivesse partido as grilhetas; destruí tudo por onde passei; corri como um louco pelo bosque com a rapidez do veado. Oh, que noite miserável passei!

As estrelas frias brilhavam para zombar de mim, e as árvores nuas balouçavam os ramos por cima da minha cabeça; de vez em vez, o canto suave de um pássaro ressoava no silêncio universal. Todos, excepto eu, descansavam ou sentiam-se felizes; mas eu, como Satã, levava o inferno no coração; desejava partir as árvores, arrasar e destruir tudo quanto havia à minha volta, para poder depois alegrar-me com tal ruína.

Mas estas sensações violentas não podiam durar muito; senti-me cansado devido ao excesso de exercício físico e deixei-me cair na erva, preso da tremenda impotência do desespero.



A transformação
Franz Kafka

"Agora talvez me seja permitido virar", pensou Gregor e recomeçou a sua manobra. Não conseguia evitar respirar com dificuldade devido ao esforço que fazia e, de vez em quando, tinha de descansar. De resto, ninguém o pressionava, estava entregue a si próprio.

Quando completou a viragem, começou logo a rastejar sempre em frente. Ficou espantado com a grande distância que o separava do quarto e não era capaz de perceber como, há pouco tempo, no estado de fraqueza em que estava, percorreria o mesmo caminho sem praticamente dar por isso.

Pensando unicamente em rastejar o mais depressa possível, mal se apercebia que nem uma única exclamação ou uma única palavra da sua família o perturbava.

Só quando estava já junto à porta virou a cabeça, não totalmente, pois sentia que o pescoço começava a tornar-se rígido, ainda assim viu que, atrás de si nada mudara, apenas a irmã se tinha levantado.

Mal entrou no seu quarto, a porta foi rapidamente fechada, aferrolhada e trancada. Assustou-se de tal modo com este ruído súbito atrás de si, que as patinhas vacilaram. Era a irmã que se apressara assim tanto. Estivera já de pé, à espera, depois saltara agilmente para a frente, Gregor nem sequer a ouvira chegar, e gritou um "Finalmente!" para os pais, enquanto dava a volta à chave.

"E agora?" perguntou-se Gregor e olhou em redor no meio da escuridão.

Descobriu depressa que já não era capaz de se mexer. Não se admirou com isso, pelo contrário, pareceu-lhe até pouco natural que, na realidade, tivesse podido deslocar-se como fizera até aí com aquelas patinhas finas.



O Diabo no Campanário

Edgar Allan Poe

As casas são todas iguais por fora como por dentro, e o mobiliário é feito segundo um modelo único. O soalho é de lajes quadradas, as mesas e as cadeiras são de madeira escura, com pés tortos, finos e adelgaçados em baixo. As chaminés são largas e altas, e não só nas suas faces há esculpido relógios e couves, como têm ao meio da face principal um verdadeiro relógio que faz um tiquetaque prodigioso, com dois vasos contendo cada um uma couve. Entre cada vaso e o relógio há um pequeno boneco chinês de grande pança com um buraco no centro, através do qual aparece o quadrante de um relógio.

Mesmo diante da porta de entrada, num cadeirão de grande espaldar e assento forrado a couro, de pés tortos e finos como os das mesas, está instalado o velho proprietário da casa. Está sentado, com a perna direita sobre o joelho esquerdo, a fisionomia grave, e tem sempre, pelo menos, um dos olhos cravados num certo objecto muito interessante que se encontra no meio da esplanada.

Esse objecto está situado no campanário da Casa-da-Cidade. Os membros do conselho são todos homens muito pequenos, muito redondos, muito adiposos, muito inteligentes, com olhos grandes como pratos e vastos duplos queixos, e usam casacos muito mais compridos e fivelas muito mais grossas do que os vulgares habitantes de Vondervotteimittis. Desde que vivo no burgo, tiveram várias reuniões extraordinárias e adoptaram estas três importantes decisões:

I

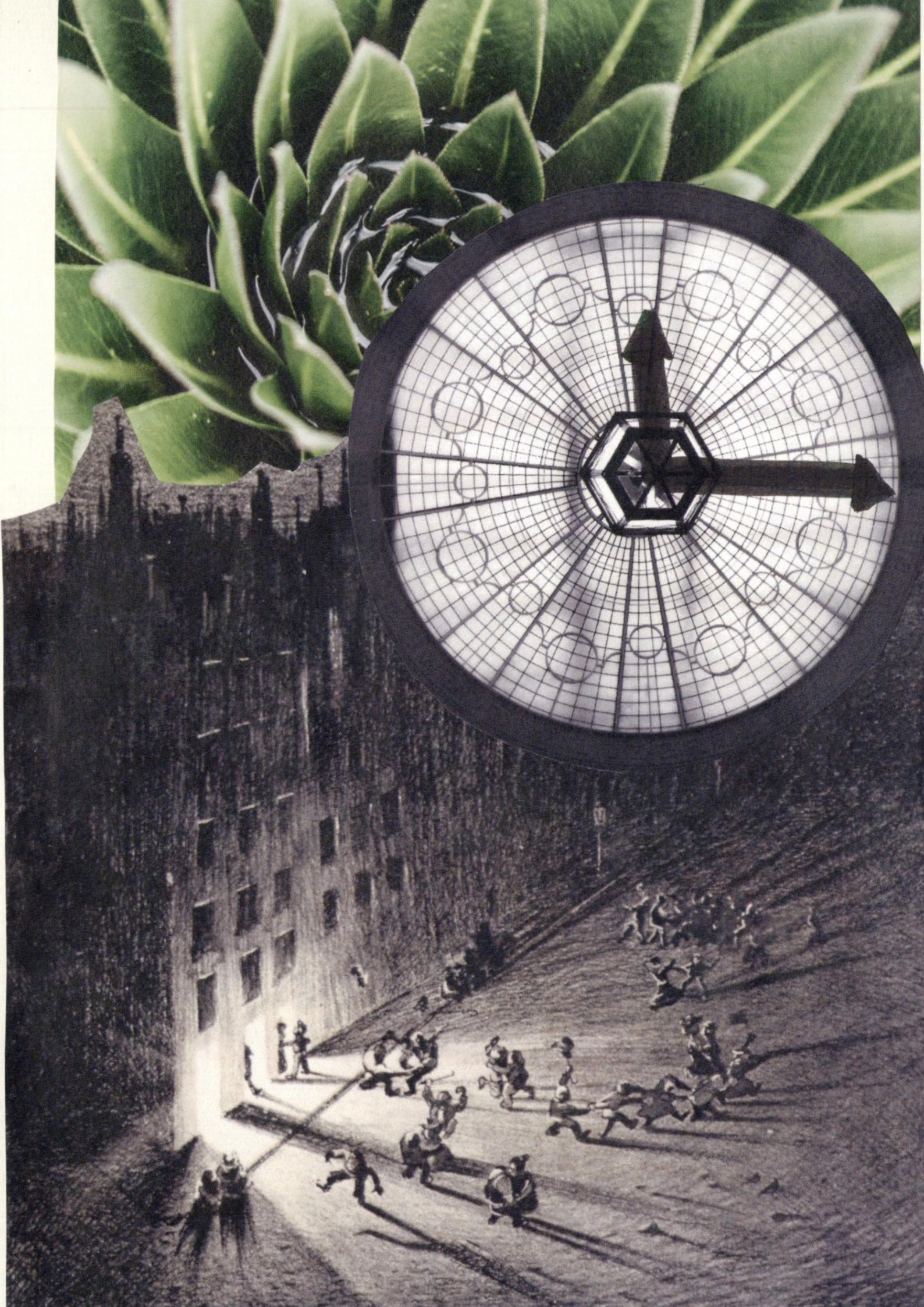
É um crime alterar o bom e velho andamento
das coisas

II

Nada existe de tolerável fora de
Vondervotteimittiss

III

Juramos fidelidade eterna aos nossos relógios
e às nossas couves



Conto de Inverno

Júlio Brandão

José Marçal veio espreitar a rua por dentro da vidraça do peitoril. Conchegou mais o xaile-manta aos ombros magros, ajeitou o barrete sebento, bordado a missanga, e sentou-se na cadeira onde se enconchava largas horas, espiando quem passava.

Era terça-feira de Entrudo. Um vento rai-voso e frio vinha do mar, cujo marulho se ouvia ao longe, como um rodar de carroça; e encanava-se pela rua estreita e velha, onde o argentário morava, aos latidos como um cão que apedrejam.

José Marçal espreitava. Os olhinhos redondos e vivos pareciam de rato.

A Doroteia entrou na sala com o seu pigarro, o lenço de merino a apertar-lhe a cabeça encanecida. Ia a dizer não sei quê ao amo, mas desatou a espirrar, como se lhe dessem a uma manivela.

- Ó mulher, você parece que andou na mascarada - disse José Marçal.

- "Boa romaria faz quem na sua casa está" - respondeu a velha.

E levando de cima da mesa uma chave, lá se foi, arrastando as chinelas.

José Marçal ficou a pensar no aforismo. Na verdade, a sua vida passara-se ali, naquela casa velha, onde os seus tinham morrido, sem distrações e sem desejos que não fossem amontoar mais ouro. O pai contrabandeara e enriquecera; o filho, desde que lhe herdara a fortuna, nada mais fez, durante largos anos, do que entesourar. Comia mal, vivia pior do que os mendigos que

lhe pediam esmola. Afastara parentes e amigos e apenas a Doroteia, já criada dos pais, o aturava nas sovínices e quase se identificara com ele.

Noite alta, meio desperto, cuidou ouvir passos no quarto. Prestou o ouvido. Aquilo havia de ser algum rato, pensava: a casa era velha como os Afonsinhos... E, no torpor do sono, deixou outra vez fechar os olhos. Mas daí a pouco ouviu, como num sonho, um arrastar de cadeira, um ruído confuso - e o coração bateu-lhe, acordou sobressaltado. Ergueu a cabeça do travesseiro. Mais nada! De novo sossegou; seria o vento. Contudo, arregalou os olhos vivos: dir-se-ia que na penumbra do quarto havia umas sombras maiores... E o coração sacudiu-o, num presentimento horrível. Mas tudo era silêncio.

Esperou sem se mexer, sustendo a respiração já ofegante. Esbugalhava os olhos, espiando - e sempre, na sombra vaga, outras sombras mais densas...

Era impressão, era impressão - dizia consigo, como se quisesse acalmar um terror que o invadia numa onda asfixiante.



Quem sabe?

Guy de Maupassant

Avistei ao longe a massa sombria do meu jardim, e não sei de onde me veio uma espécie de mal-estar com a ideia de entrar lá dentro.

Afrouxei o passo. Estava uma temperatura muito amena. O grande amontoado de árvores tinha o ar de um túmulo em que a minha casa estava enterrada.

Abri a barreira e penetrei na extensa alameda de sicômoros, que seguia na direção da habitação, arqueada em abóboda como um alto túnel, atravessando maciços opacos e contornando relvados em que os açafates de flores colocavam, sob as trevas empalidecidas, manchas ovais com matizes indistintos.

Quando me acercava da casa assaltou-me uma sensação estranha.

Parei. Não se ouvia nada.

Não havia nas folhas uma aragem.

"O que é que eu tenho afinal?", pensei.

Há dez anos que regressava assim sem que alguma vez a mínima inquietação me tivesse aflorado.

Não tinha medo. Nunca tinha tido medo à noite. O que era? Um pressentimento? O pressentimento misterioso que se apossa dos sentidos dos homens quando vão ver o inexplicável? Talvez? Quem sabe?

À medida que avançava, tinha na pele arrepios e quando cheguei em frente da parede, com as portadas fechadas, senti que devia aguardar alguns minutos antes de abrir a porta e entrar no interior. Durante estes

primeiros instantes, nada notei de insólito à minha volta.

Sentia nos ouvidos alguns roncos; mas isso acontece-me frequentemente. Parece-me por vezes que ouço passar comboios, que ouço tocar sinos, que ouço caminhar uma multidão.

Depois, em breve, os roncos tornaram-se mais distintos, mais precisos, mais reconhecíveis.

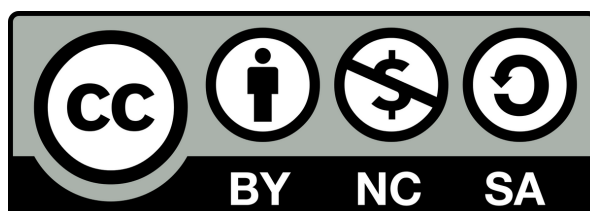
Tinha-me enganado. Não era o zumbido habitual das minhas artérias, mas um ruído muito particular, muito confuso, porém, que provinha, sem qualquer dúvida, do interior da casa.



Capa de: Teresa Lança

Textos ilustrados com colagens de:

- Sandra Martins
- Teresa Lança
- Isabel Lança
- Helena Patrício



Uma produção EVA CARTONERA
em parceria com a ADAO - Associação de
Desenvolvimento de Artes e Ofícios

JORGE DE MELLO B
DE WEIMAR
A ROBERT KR
CINEMA DE ANIMA

ue menu p
Correia, Cri
Internat

EN EM CORRESPONDÊNCIA - JORGE DE SÁ,
CENTENÁRIO DE JENNIFER JONES I Q'ER
RÊNCIA INTERNACIONAL SMALL CIMAAS
ATECA JÚNIOR I CINEMA NA ESPALADA

